

O MODERNISMO SIMBOLISTA DE CECÍLIA MEIRELES

ALMEIDA, Amanda Conceição Lima.

Amandainlove29@yahoo.com.br

ANDRADE, Ana Maria Bernardes de. (Orientadora)

Graduada em Letras – Português, Mestre em Teoria e História Literária, Profª do Curso de

Letras – Português da Universidade Tiradentes – UNIT

anaber10@hotmail.com

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar alguns dos aspectos da produção poética de Cecília Meireles. Pertencendo, cronologicamente, ao Modernismo, a poetisa explorou além da poesia intimista, a neo-simbolista. Calcando no Simbolismo poético anterior ao Modernismo, Cecília Meireles explora o misticismo, a sugestibilidade, a musicalidade. Os sons e as figuras de estilos caracterizam e singularizam a poética ceciliana. Muitos de seus trabalhos não encontraram receptividade positiva na crítica literária por causa do isolamento de Cecília Meireles. Sua obra poética é marcada pela insistência temática: preocupação com a vida e a morte. O mar está sempre presente nos seus poemas. Reflexão e sugestão caracterizam profundamente sua obra.

Palavras chaves: Poesia; Poema; Simbolismo.

O MODERNISMO SIMBOLISTA DE CECÍLIA MEIRELES

Cecília Meireles foi a primeira voz poética feminina a refletir em toda a história literária brasileira e nas literaturas de língua portuguesa, através da sua poesia intimista e reflexiva de profunda sensibilidade, sendo encontrada em seus versos a mais rica pureza lírica luso-brasileira.

A poesia surgiu para a literatura em 1922, através das revistas: *Árvore Nova* e *Terra do Sol*. Jackson Figueiredo, entre outros, defendiam a renovação de nossas letras com base no equilíbrio e no pensamento filosófico. Seu aparecimento coincidiu com o surgimento do movimento modernista. Nele se inclui o processo poético de Cecília Meireles.

Com o objetivo de divulgar um novo conceito de arte moderna, a revista *festa* sustentava a renovação e a valorização do espírito. Foram lançadas duas edições desta revista, sendo divididas em duas fases: Cecília Meireles contribuiu em todos os números da revista, que era formada por escritores, poetas, críticos literários e intelectuais. A revista pretendia mudar o rumo do movimento modernista, em que participavam Cecília e Tristão de Ataíde. A presença deles instruiu uma desunião quanto à religiosidade, pois a poesia fez bastantes oposições à Igreja Católica, sendo que Tristão era um grande divulgador da Igreja. A segunda fase, a espiritualista, do grupo *Festa* encarnava apenas como um desejo de valorização de espíritos humanos que gerava prejuízo à grande obra capitalista, portuguesa. Cecília Meireles não publicou algum artigo de teor crítico. Procurou apenas divulgar suas poesias.

A sua aproximação com os jovens que se inspiravam em Tasso da Silveira e Andrade Murici, delineava a feição espiritual de sua arte, baseando-se no misticismo e acentuando a comunhão de juízos literários, contendo grande admiração por Cruz e Souza e os poetas simbolistas.

Em 1926, encontra-se registrada em sua poesia o poema transcrito abaixo, escrito e publicado na revista “*Festa*”:

Casulo

À hora do teu destino,
Criaram-se os fios tênues
Que te envolveram,
Dentro dos quais dormirias
O teu sonho preparatório – Para voar.
A iniciação das asas
Para a sabedoria dos espaços...
Hoje, romperam-se todos os casulos:

E foi uma festividade, em torno...
Mas tu, guardado no teu,
Não te pudeste mover mais:
Não tinhas mais aquele pequenino sopro,
Invisível.
Vulto.
Que anima todas as formas...

Dize-me inseto obscuro:
Com que asas voaste
De dentro de ti mesmo?
Qual foi a tua iniciação?
Qual é a tua sabedoria?

(MEIRELES, 1996, p. 53)

Este poema retrata perfeitamente as características simbolistas, mostrando uma permanente viagem ao interior, apresentando aspecto de solidão, melancolia, ocorrendo até mesmo um certo tipo de pessimismo.

A presença forte da análise vem marcar uma manifestação espiritual, pois o poema leva ao interior de uma pessoa, tão bem representada – “Dize-me, inseto obscuro” – significando que a pessoa é fechada em seu mundo e, por isso, obscura, desconhecida de muitas outras.

Quando o eu-lírico fala “com que asas voaste”, pergunta de que forma ele iria voar, se ele não acompanhará os outros? Pois, uma pessoa está sem vida, parada, desanimada em suas ações está presa em seu interior e, daí, a queixa de não tê-la como antes.

Ocorre, também, a presença dos versos livres, das frases soltas meio sem sentido, manejando-o, porém em consonância com o tom de fuga que acompanha todo o conteúdo lírico.

Cecília Meireles nunca esteve enquadrada em nenhum movimento literário; suas publicações iniciais: *Spectros* (1919); *Nunca mias... e poema dos poemas* (1925); e *Baladas para El-Rei* (1925), possuíam características simbolistas, embora a poetisa pertencesse ao Modernismo.

A tendência simbolista no livro *Baladas para El-Rei*, evidenciado através do desencanto, da renúncia da nostalgia do além, a mística e a ansiedade, encontra-se igualmente nos efeitos expressivos extraídos da adjetivação abstrata, dos superlativos das rimas nasaladas, da musicalidade que surge através da repetição das palavras, vogais e consoantes, refletindo-se nos versos.

A riqueza desta obra localiza-se no elemento místico, que diz respeito, em certos títulos do poema: “Doloroso, de nossa senhora, dos cravos roxos, oferendas”, tipologia: monges, freiras; e a simbólica floral: açucenas, crisântemos, cravos roxos. Em seu vocabulário há uma denunciadora preferência pela substantivação abstrata, pela dupla adjetivação, tornando-se um recurso quase esquemático. A lentidão em seus versos foi baseada nos alexandrinos predominando os polissílabos, há rimas nasalizadas e constantes reiteraões.

Ocorre também a presença do modernismo através das suas expressões mais coloquiais próxima do modo de falar brasileiro:

A chuva chove...
 A chuva chove mansamente... como um sono
 que tranqüiliza, pacifique, resserene...
 a chuva chove mansamente... que abandono!
 A chuva é a música de um poema da Verlaine... e vem
 de uma véspera solene.
 Em certo paço, já sem data e já sem dona...
 Véspera triste como a noite, que envenena
 A alma, evocando coisas líricas de outono...

(MEIRELES, 1967, p. 143)

Neste poema, Cecília Meireles usa da psicologia de sensibilidade feminina: “véspera triste como a noite que envenena”, revela a sua época e classe social, que ela valorizava, sobretudo a intuição e a emoção como formas de apreender e interpretar o mundo. Desse modo, ela desenvolve um lirismo delicado e reflexivo. “A alma evocando coisas líricas de outono” – sobre temas como o amor, tempo, natureza. É caso do poema aqui analisado. O infinito e a criação artística. Nada nela é produto de uma atitude racional, e o seu tom fundamental é o da fuga e do sonho. São essas “qualidades femininas” que destacam sua poesia como algo diferente, num universo até então ocupado por sensibilidades masculinas.

Como qualquer artista que expusera suas obras ao público. Cecília Meireles era muito criticada; porém, esses críticos elevavam a maneira ceciliana de escrever. Em 1939, Mario de Andrade escreveu um artigo sobre a poesia, do qual se apresenta um fragmento transcrito a seguir:

“Jamais a poesia nacional alcançou tamanha evanescência. Tanto verbal como psíquica”. (SAMEGO, 1939, p. 39).

Segundo Mario de Andrade (1938), o período modernista deve ser trabalhado através de coletividade e não da individualidade, sobre ser trabalhado com o mundo exterior, para o poeta, mudanças que ocorressem tanto social, como politicamente mexeriam não só com a educação como também com o cidadão.

Cecília Meireles sempre trabalhou com a individualidade, sendo considerada uma figura solitária. Na medida que a poetisa ganhava a admiração de seus contemporâneos através de seu lirismo de seus versos, ela também produzia um enorme desconforto por ser uma pessoa isolada, sem nenhuma postura visível dentro de um movimento.

Após Cecília Meireles ter lançado algumas de suas obras. Mário de Andrade a acusa de ter-se candidatado ao concurso, ou seja, este autor considerava-a uma principiante.

“Eu acuso Cecília Meireles de várias culpas contra a poesia. E nem me parece duvidoso que maior destas culpas seja ela ter se candidatado a um premio da Academia. Que estranha volúpia, muito feminina, de perder o teria levado a essa aventura?... E disso lhe aconteceu a culpa não menor de conquistar o premio!” (SAMEGO, 1939, p. 39)

A poesia ganhou o Prêmio da Academia Brasileira de Letras, e isso fez com que Mário de Andrade se sentisse incomodado com o fato de Cecília ter-se inscrito em um concurso literário na ABL.

Com o livro *Viagem*, de 1938, Cecília encontrou um estímulo definitivo, onde são vistos nos seus versos elementos melódicos que concretizaram as suas características poéticas. Sonho, solidão, mar, canção, melancolia, nuvens, céu, morte...

Esta obra possui o lirismo inovador que retrata uma permanente viagem interior; intimista e introspectiva, sugerindo em um tom leve e delicado, temas de solidão, melancolia, fuga pelo sonho, o vazio do existir, saudades e sofrimento. Essas características percorreram toda sua obra lírica, como no poema abaixo:

Cantiguinha

Meus olhos eram mesmo água
 - te juro -
 mexendo um brilho vidrado
 verde-claro, verde-escuro

Fiz barquinhos de brinquedo,
 - te juro -
 fui botando todos eles
 naquele rio tão puro

Veio vindo a ventania
 - te juro -
 as águas escurecem,
 - te juro -
 todos os barcos se perdem,
 ente o passado e o futuro.

São dois rios os meus olhos,
 - te juro -
 noite e dia correm, correm,
 mas não acho o que procuro.”

(MEIRELES, 1936, p. 96)

Nota-se nessa poesia que o eu-lírico busca uma visão filosófica, como se sua existência necessitasse de sentido, fato que pode ser percebido na primeira estrofe. A fugacidade do tempo, a precariedade dos seres motiva, também na consideração do transitar humano sobre o planeta em que habita, muitas vezes, nota-se, na poesia de Cecília Meireles, uma busca pela afirmação como, no exemplo que se segue: “te juro, fiz barquinho de brinquedo”.

O poema traz também ainda resíduos do neo-simbolismo; pode-se encontrar estes vestígios nos seguintes versos: “Veio vindo ventania”. Neste verso, encontramos o uso da aliteração muito freqüente neste período literário. O vocabulário utilizado pela poetisa, neste poema, é impregnado de delicadezas, explicitas em expressões como estas: “As águas mudam

seu brilho, quando as águas escurecem...”, que muito bem exemplifica essa busca pela simplicidade.

A poesia de Cecília Meireles, além de intimista é mística. Alguns autores dizem que “o êxtase de Cecília relaciona-se com o êxtase dos místicos” (MEIRELES, 1958, p. 11). Não lhe interessa a verdade definida, mas a verdade pressentida; instruem, não pensam, adoram não explicam, mas sempre neles, o êxtase constitui o destino irrecusável que nada contraria, no poema “Cantiguinha”. Pode-se notar este êxtase, na primeira estrofe, demonstra toda a leveza de sentimentos da poetisa.

Outro aspecto de sua poesia são as linguagens sensoriais, intuitivas e femininas, empregadas em versos plenos em jogo hábil de sons e musicalidade. A recordação transfigura a realidade pelos elementos sensoriais. Sendo que, um dos aspectos mais marcantes de sua poesia é a consciência da transitoriedade das coisas, revelada pela delicadeza na qual tematiza a fugacidade do tempo, dos objetos e da vida, sempre espreitada pela sombra da morte. Tais questões são tematizadas em “Motivo”.

MOTIVO

“Eu canto porque o instante existe
e a minha vida está completa.
Não sou alegre nem sou triste:
Sou poeta.

Irmãos das coisas fugidias,
Não sinto gozo nem tormento.
Atravesso noites e dias,
No vento.

Se desmorono ou se edifico,
Se permaneço ou me desfaço,
- não sei, não sei, não sei se fico
Ou passo.

Sei que canto. E canção é tudo.
Tem sangue eterno a asa ritmada

E um dia sei que estarei mudo:
- mais nada”.

(MEIRELES, 1967, p. 103)

Há, neste poema, um momento de reflexão sobre o “Instante” – que, às vezes, é visto como insignificante mas que, na verdade, apresenta uma completude de vida – a vida se completando a cada “instante”, a vida feita de momentos e que devemos lhe dar o valor que possui, pois são esses momentos que nos complementam, que nos dão a razão de viver.

Trata-se de um poema com métrica perfeita, com rima, com musicalidade e com toda uma composição singular e simbólica. Daí, a sua aproximação com o simbolismo, movimento que sugere as sensações, os sonhos, os estados d’alma.

Percebe-se uma manifestação espiritual, tão bem representada pelos versos a seguir: - “Não sou alegre nem sou triste”. Os pares alegres/ triste; gozo/ tormento; noites/dias; desmorono/ edifício; permaneço/ desfaço; fico/ passo vêm acentuar a incerteza do eu-lírico, incerteza essa que não a atormenta, pois atravessa noites e dias no vento”, ou seja, deixa que a vida o leve em meio as contradições.

Em todo o poema, percebe-se o sentimento de calma do eu-lírico. Apesar da dúvida existencial retratada, nota-se que há uma certeza maior: a vida. E é esse o “motivo” da sua existência. Por outro lado, existe uma outra certeza – o nada, assim a eternidade das coisas também é percebida no poema. Mesmo considerando a canção como “tudo”, como o completo, esse tudo será “nada”, comprovando a fugacidade da vida.

Todo o poema é uma viagem à alma e a vários elementos herdados do simbolismo, mas também com a clareza da modernidade. Portanto, não é difícil encontrar elementos do Modernismo no poema. A sua simplicidade, o verso curto e aproximação com um vocabulário simples, mas impecável, comprovam um eu-lírico modernista. Além de o poema tratar das

sensações intimistas da poetisa, vê-se que a linguagem é singela e forte. Ele nos toca a sensibilidade fazendo-nos refletir sobre o que realmente somos e o que mais importa na vida, isto é, o que mais nos “motiva” viver.

No poema abaixo, é possível visualizar os aspectos poético-textuais referidos:

PEQUENA CANÇÃO

Pássaro da lua,
 que queres cantar,
 nessa terra tua,
 sem flor e sem mar!
 Nem osso de ouvido
 Pela terra tua.
 Teu canto é perdido,
 Pássaro da lua...
 Pássaro da lua,
 Por que estás aqui?
 Nem a canção tua
 Precisa de ti!
 (MEIRELES, 1940)

Neste poema pode-se observar nitidamente trechos semelhantes aos da estética dos simbolistas como, por exemplo, a forte presença do som e do ritmo, a musicalidade, a impregnação, da realidade exterior pela emoção, o apagamento dos fatos em detrimento da emoção estética. Quando eu-lírico diz: “nem osso de ouvido e teu canto é perdido”, utiliza-se de sons, musicalidade na composição do texto poético.

Assim como os simbolistas, os modernistas, na qual se engaja Cecília Meireles, buscando demonstrar em suas obras como a fugacidade da vida, como o ser humano está envolvido em uma trajetória de busca, e, acima de tudo, como ele quer respostas para o sentido próprio da vida. “Por que estás aqui? Nem a canção tua precisa de ti”!, eis o verso que amplia a sofisticação poética da autora.

Já em *Vaga Música* (1942), Cecília Meireles apresenta um dos mais belos estudos da pureza de pensamento lírico o que já atingiu a poesia brasileira, foi um ponto alto do bucolismo, registrando um comportamento singular de apreensão da realidade.

Outro aspecto de destaque são as frases curtas, com o ritmo arrastado, ocorrendo, também, a presença da musicalidade, das metáforas e metonímias que são características do simbolismo. É freqüente encontrar em suas poesias elementos nostálgicos bem como temas relacionados à paz, tranqüilidade, como os elementos da natureza, conforme o texto de *Vaga Música* (1942) abaixo:

PEQUENA CANÇÃO DA ONDA

Os peixes de prata ficaram perdidos,
Com as cordas e os remos, no meio do mar.
A areia chamava, de longe, de longe,
Ouvia-se a areia chamar e chorar!
A areia tem rosto de música
e o rosto é tudo luar!

Por ventos contrários, em noite sem luzes,
do meio do oceano deixei-me rolar!
Meu corpo sonhava com a areia, com a areia,
desprendi-me do mundo do mar!
Mas o vento deu na areia.
A areia é de desmanchar.
Morro por seguir meu sonho,
longe do reino do mar!”

(MEIRELES, 1938, p. 145)

Quanto à forma, verifica-se que a musicalidade se apresenta nos versos de métrica múltipla, deixando fluir o barulho das ondas do mar, os elementos da natureza, o espaço, versos curtos e paralelos, obtendo as características simbólicas. Quanto ao conteúdo, encontra-se a oposição entre a terra x mar, mostrando o contraste da vida humana na sua

plenitude. Ocorre também a presença de metáfora visual como em: “os peixes de prata”... Com relação ao formato do poema apresentam elementos que leva o leitor a dar ao poema o formato de uma onda. O mesmo apresenta características modernistas, porém a possui linguagem e formato tradicional, porém, aspectos do subjetivismo que marcou o Romantismo e que volta com o movimento simbolista, embora não prejudique as reais características do modernismo.

Quando a poetisa despreza em “Pequena canção da onda” a rigidez métrica, a uniformidade estrófica, é possível que tenha feito em função da necessidade de uma comunicação mais popular – conforme um dos princípios do modernismo: a literatura usa de todos os recursos lingüísticos a fim de atingir, de alcançar um público maior.

Trata-se de um texto lírico no qual este aspecto só vem a fortalecer a estrutura comunicacional daquele. Linguagem metafórica simples, sem rebuscamentos como fizeram o Barroco, o Parnasianismo e o próprio simbolismo – este, usando da sugestibilidade, do mistério e da musicalidade como recursos de comunicação lingüística em função do tema.

Observa-se que o texto é sugestivo pelo uso da aliteração “com as cordas e os remos, no meio do mar” (1ª estrofe, v. 2) e que esta sugestividade lhe assegura o poder poético. Veja-se, também, a belíssima estrutura da prosopopéia ou personificação “ouviam-se a areia chamar e chorar!” (1ª estrofe v. 4) outra forma expressiva com igual figura de estilo encontra-se em “A areia tem rosto de música/ e o resto é tudo luar!” em que “rosto de musica” representa alegria, satisfação e/ ou contentamento.

A aparente antítese “por ventos contrários, / em noites sem luzes, / do meio do oceano deixei-me rolar!” (2ª estrofe, v. 1 e 2), percebe-se a sensibilidade da poetisa em luta consigo mesma, buscando refúgio no mar em meio a “ventos contrários”, “noites sem luzes” e seu corpo inteiro como lugar de desejos e sensações, rolando no mar que, aqui, simboliza liberdade, expansão humana.

Conclui-se que o poema é modernista pela forma, estrutura, linguagem, temática e comunicação direta, embora haja traços sugestivos do simbolismo que não comprometem a compreensão, entendimento do texto.

AUTO-RETRATO

SE ME CONTEMPLO,
tantas me vejo,
que não entendo
quem sou, no tempo
do pensamento.

Vou desprendendo
elos que tenho,
alças, enredos...
E é tudo imenso...

Formas, desenho
que tive, e esqueço!
Falas, desejo
e movimento
- a que tremendo,
vago segredo
ides, sem medo?!

Sombras conheço:
não lhes ordeno.
Como precedo
meu sonho inteiro,
e após me perco,
sem mais governo?!

Nem me lamento
nem esmoreço:
no meu silêncio
há esforço e gênio
e suave exemplo
de mais silêncio.

Não permaneço.
Cada momento
é meu e alheio.
Meu sangue deixo,
breve e surpreso,
em cada veio

semeado e isento.
 Meu campo, afeito
 à mão do vento,
 é alto e sereno:
 AMOR. DESPREZO.

Assim compreendo
 o meu perfeito
 acabamentoo.

Múltipla, venço
 este tormento
 do mundo eterno
 que em mim carrego:
 e, una, contemplo
 o jogo inquieto
 em que padeço.

E recupero
 o meu alento
 e assim vou sendo.
 Ah, como dentro
 de um prisioneiro
 há espaço e jeito

para esse apego
 a um deus supremo,
 e o acerbo interno
 do seu concerto
 com a morte, o erro...

(Voltas do tempo
 - sabido e aceito –
 do seu desterro...)

(MEIRELES, 1945, p. 224)

No poema Auto-Retrato (1945) a poetisa Cecília Meireles trabalha com a condicionalidade, contraste, mudanças constantes e, em extremoso paradoxo, com a auto-reconciliação, perante as transformações porque passa a sua natureza humana.

Condição humana, auto-repulsão e auto-identificação tudo isso, e as micro transformações, revela o espanto, sentimentalismo, nostalgia, saudosismo; preocupação com o

mundo. (Estado, transformações, futuro) e, dentro deste mundo, a sua percepção íntima confrontando-se pensamento/ medo, silêncio/ desprezo/ acabamento; vitória/ padecimento, jeito/ tempo, erro/ desterro. Estas contradições refletem a preocupação vital da poetisa em linguagem simbólica, metafórica esvaziando o seu eu das preocupações com a existência. Além disso, há uma busca, uma luta para não ser ultrapassada pela imagem localizada no imaginário:

“Formas, desenho
que tive, e esqueço!
Falas, desejo
e movimento
- e a que tremendo,
vago segredo
ides, sem medo?”

(3ª estrofe, v. 10 a 16)

Tudo o que se foi, o que existiu agora são assustadoras lembranças. A poetisa expõe seu eu poético com espanto e um traço de pavor: seu ser se transforma e, quem mostra são a visão, a mente e a introspecção diante de sua figura projetada dentro de si mesma.

Auto-retrato (1945) é um poema composto de quartetos em disposição padronizada distribuídos doze estrofes com rimas variadas, próprias do modernismo. Difere de “Pequena Canção da Onda” (1938) porque este último é marcado pela influência do movimento simbolista; Auto-Retrato (1945) está escrito em linguagem cuja função é poética, ou seja, centrada na própria linguagem, porém, fácil, compreensível e simples.

Quanto aos recursos lingüístico-semânticos, estes são bem mais claros, explícitos para o interpretante que o poema anterior. As metáforas conduzem-no ao entendimento mais amplo que “Pequena Canção da Onda” (1938) possivelmente por causa da influência simbolista – sugestibilidade, musicalidade e espiritualismo. Auto-Retrato (1945) já moderno,

a poetisa procura captar a essencialidade do mundo individual de dentro para fora, usando da anáfora como recurso de alta expressividade no texto.

Trata-se, portanto, de um texto modernista intimista de uma sensibilidade extrema em que a antítese “AMOR/ DESPREZO” (6ª estrofe, v. 39) só vem reforçar a atualidade modernista de Cecília Meireles e um dos seus temas preferidos: a perplexidade das mudanças do ser do mundo.

A obra poética de Cecília Meireles mantendo um vínculo com o simbolismo, embora esteja a poetisa no modernismo, é marcada pela flexibilidade e plasticidade lingüísticas: as palavras anaforizadas nos textos poéticos, preferidas pela poetisa, são formas sintomatizadas de uma linguagem quase que exclusiva dela.

Quando se estuda a forma intimista, subjetiva e/ou simbólica espiritualista da poética ciciliana, tem se quer singularizar os seus objetivos: a linguagem centrada na linguagem e o anaforismo meio técnico dentro do contexto poemático, que permite ao leitor deleitar-se com o imaginário da poetisa.

Cecília Meireles escreveu uma obra simbolista-futurista, o que a comprometeu perante os críticos brasileiros, diferentemente da crítica européia que a considera uma poetisa a altura de Camões. Como futurista, é provável que Cecília Meireles tenha o merecido reconhecimento daqui há alguns anos.

Se bem que haja escrito, aparentemente, para além de sua época, toda sua obra encontrará projecionalidade junto a um público mais capacitado, mais lido – incluído releituras de suas obras – e mais exigente no que se refere ao fazer literário.

Para que seja compreendida a obra poética de Cecília Meireles é preciso possuir a sensibilidade necessária a fim de que a sua poesia adentre no espírito humano como se fosse um rol de sentimentos pertencentes ao leitor.

Cecília Meireles deverá ainda ser muito estudada e a sua obra necessita exegese, uma análise e interpretação profunda para que seja desassimilados os impasses exigentes.

Este estudo é uma ínfima contribuição para o desdobramento de outros estudos mais aprofundados junto aos críticos, estudiosos e especialistas na obra poética de Cecília Meireles. Espera-se que jovens e adultos tirem o melhor aproveitamento possível, pois, a poetisa tem conteúdos e expressão/ expressividade, criação/ criatividade, imaginação/ imaginário dentro de suas formas de poetização.

REFERÊNCIA

BOSI, Alfredo. **História Concisa de literatura Brasileira**. 34 ed. São Paulo, 2000.

CÂNDIDO, Antônio; CASTELLO, José Aderaldo. **Presença da literatura brasileira: Modernismo – histórico e crítico**, 10 ed. Bertrand Brasil, 1997.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Literatura Brasileira**. 2 ed. São Paulo: Atual. 2000.

FERNANDES, Cleudemar Alves; SANTOS, João Bosco Cabral dos. **Análise Literária: Tendências Contemporâneas**. Uberlândia: EDUFU, 2003.

GONÇALVES, Hortência de Abreu. **Manual de Artigos Científicos**. São Paulo: Avercamp, 2004.

LAMEGO, Valério. *A farpa na lira: Cecília Meireles na revolução de 30*. São Paulo: Record, 1996.

MEIRELES, Cecília. **Obra Poética**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1987.

Disponível no portal www.releituras.com/cmeireles_bio.asp . Acesso 01/11/2005

Disponível no portal www.secret.com.br/jpoesia/ceciliameireles06.html . Acesso 01/11/2005